

Educando para a sistematização do cuidado de enfermagem por meio de um *website*

Educating for the systematization of nursing care through a *website*

Educar para la sistematización del cuidado de enfermería a través de un sitio web

Recebido: 13/09/2020 | Revisado: 20/09/2020 | Aceito: 22/09/2020 | Publicado: 24/09/2020

Elisangela Siomara Rodrigues

ORCID <https://orcid.org/0000-0003-3295-2973>

Sociedade Educacional Três de Maio, Brasil

E-mail: elisangelarodrigues@setrem.com.br

E-mail: ou elissiomara04@gmail.com

Rosane Teresinha Fontana

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0391-9341>

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Brasil

E-mail: rfontana@san.uri.br

Jussara Mendes Lipinski

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3907-0722>

Universidade Federal do Pampa, Brasil

E-mail: jussaralipinski@gmail.com

Resumo

Objetivos: investigar como se processa a Sistematização da Assistência em Enfermagem nas práticas de cuidado à parturientes e puérperas durante a internação hospitalar e criar um *website* educativo acerca do tema, utilizando-se a metodologia CIPE®. Métodos: estudo descritivo. Participaram 75 discentes e 3 docentes de três cursos de graduação em enfermagem situadas ao noroeste do Rio Grande do Sul. A coleta de dados foi feita mediante um questionário e analisado por meio da análise temática. Resultados: todos os pesquisados tiveram contato com a Sistematização e/ou o Processo de Enfermagem, mas nem todos o aplicaram nas práticas de cuidado à parturientes e puérperas. Para contribuir para o ensino da Sistematização da Assistência de Enfermagem foi desenvolvido um *website* que teve apreciação positiva por parte dos participantes. Conclusão: as dificuldades para o uso das diversas metodologias podem ser superadas pela proximidade dos enfermeiros ao tema, sejam docentes ou assistenciais, situação que reforça a necessidade de educação permanente.

Palavras-chave: Sistematização da assistência de enfermagem; Discentes; Docentes; Objeto de aprendizagem; Ensino.

Abstract

Objectives: to investigate how the Systematization of Nursing Care in the practices of care to the parturients and puerperas during hospitalization and to create an educational website on the subject, in the methodology CIPE®. **Methods:** descriptive study. Participants were 75 students and 3 teachers from three undergraduate nursing courses located in the northwest of Rio Grande do Sul. Data collection was done through a questionnaire and analyzed through the thematic analysis. **Results:** all the respondents had had contact with the Systematization and / or the Nursing Process, but not all of them applied it to the practices of caring for the parturients and puerperas. To contribute to the teaching of Nursing Care Systematization, a website was developed that had positive appreciation on the part of the participants. **Conclusion:** the difficulties for the use and of the different methodologies can be overcome by the proximity of the nurses to the subject, be they teachers or assistance, a situation that reinforces the need for permanent education.

Keywords: Systematization of nursing care; Students; Teachers; Learning object; Teaching.

Resumen

Objetivos: investigar cómo se lleva a cabo la Sistematización de la Asistencia de Enfermería en las prácticas de atención a parturientas y puérperas durante la hospitalización y crear un sitio web educativo sobre el tema, utilizando la metodología CIPE®. **Métodos:** estudio descriptivo. Participaron 75 estudiantes y 3 profesores de tres cursos de licenciatura en enfermería del noroeste de Rio Grande do Sul. La recolección de datos se realizó a través de un cuestionario y se analizó mediante análisis temático. **Resultados:** todas las encuestadas tuvieron contacto con la Sistematización y / o el Proceso de Enfermería, pero no todas lo aplicaron en las prácticas de atención a parturientas y puérperas. Para contribuir a la enseñanza de la Sistematización del Cuidado de Enfermería, se desarrolló un sitio web que tuvo una valoración positiva por parte de los participantes. **Conclusión:** las dificultades en el uso de las diferentes metodologías se pueden superar por la cercanía de los enfermeros al tema, ya sean profesores o asistentes, situación que refuerza la necesidad de una educación permanente.

Palabras clave: Sistematización de la atención de enfermería; Estudiantes; Maestros; Objeto de aprendizaje; Enseñanza.

1. Introdução

Por Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) entende-se uma metodologia aplicada pelo enfermeiro, ao paciente e a família e fundamentada no conhecimento. Confere segurança aos pacientes, melhoria da qualidade da assistência e maior autonomia profissional (Chaves & Solai, 2013). Florence Nightingale já ressaltava a importância da observação detalhada dos doentes e seu ambiente bem como o registro dessas observações para compreender os fatores que influenciavam na promoção da cura. Visionária em seus conceitos e princípios delineou uma nova prática da Enfermagem, fomentando o desenvolvimento do pensamento crítico, dando início ao planejamento do cuidado. Portanto, a SAE é um assunto antigo; perpassando a história da enfermagem, identifica-se que, por volta do século XVIII/XIX, já havia certo planejamento do cuidado com uma metodologia (Chaves & Solai, 2013). E todo planejamento, para ter sucesso, precisa considerar a reflexão, o pensamento crítico.

Pensar criticamente envolve um processo complexo e multidimensional que conglera a habilidade intelectual da pessoa para “procurar, identificar e desafiar premissas do raciocínio que considera relevantes para a tomada de decisão” e requer responsabilidade profissional para interpretações precisas (Peixoto & Peixoto, 2017). Enfermeiros devem desenvolver habilidades para o pensamento crítico, não só pela sua influência sobre o julgamento clínico, a tomada de decisão e a resolução de problemas, mas também por que se constitui como elemento essencial à prática profissional. Na formação, a aprendizagem baseada em casos, em simulações clínicas, em cenários e em problemas, podem ser estratégias para fomentar o pensamento crítico (Peixoto & Peixoto, 2017), tão necessário para a Sistematização da Assistência de Enfermagem.

Apesar da SAE ser compreendida como uma ferramenta importante e ser discutida e estudada no Brasil há mais de quatro décadas, em alguns cenários têm sido pouco aplicada e, embora seja trabalhada na academia, ainda não há total implementação na prática. Os enfermeiros, em geral, compreendem a importância da realização sistematizada do cuidado, mas ainda se identificam algumas lacunas no uso da SAE. Dentre essas lacunas, a sua utilização de forma limitada, parcial e superficial e a concepção de cuidado centrada na doença (Ribeiro, Martins, Tronchi & Fortes, 2018). Além disso, uso inadequado da metodologia, má utilização das taxonomias, prescrições não cumpridas e histórico não informatizado são fatores que influenciam na sua implementação (Benedet, Gelbcke, Amante, Padilha & Pires, 2016).

Revisão da literatura que buscou avaliar sintetizar e analisar estudos publicados em bases de dados nacionais que versavam sobre as dificuldades dos enfermeiros na implantação da SAE ratificou que “falta de tempo, mais impressos a serem anexados ao prontuário, falta de interesse, falta de conhecimentos dos enfermeiros e dificuldades de aceitação pela equipe multiprofissional, falta de profissionais, alta demanda de pacientes, sobrecarga do enfermeiro”, além de deficiências no ensino acadêmico, capacitação e treinamento das equipes são as maiores dificuldades para a implantação da SAE (Gomes, Teixeira, Santos, Sales, Linhares & Santos, 2018, p. 1007).

Para a formação do futuro enfermeiro é importante destacar a determinação legal sobre a assistência sistematizada, apontada na lei do exercício profissional da enfermagem brasileira, a qual legisla como atividades exclusivas do enfermeiro o planejamento, a organização, a coordenação, a execução e a avaliação dos serviços de assistência de Enfermagem, bem como a consulta e a prescrição da assistência de Enfermagem. Há, também a Resolução nº 358/2009 que, no seu artigo 1º, legisla que o Processo de Enfermagem deve ser realizado, de modo deliberado e sistemático, em todos os ambientes, públicos ou privados, em que ocorra o cuidado de Enfermagem (Brasil, 2009).

Para a implementação do Processo de Enfermagem, além de conhecer suas etapas, é necessária a utilização de uma Taxonomia ou Sistema de Classificação, que dê aporte científico para o enfermeiro definir diagnósticos de Enfermagem precisos e, a partir destes, planejar e intervir no cuidado. Entre os sistemas de classificação amplamente utilizados pela enfermagem estão: a *North American Nursing Diagnosis Association* (NANDA[®]), *Nursing Interventions Classification* (NIC[®]) *Nursing results Classification* (NOC[®]), a Classificação Internacional das Práticas de Enfermagem em Saúde Coletiva (CIPESC[®]) e a Classificação Internacional para Prática de Enfermagem (CIPE[®]). Um estudo de revisão sobre as classificações usadas na SAE, não identificou justificativas para utilização de um ou outro sistema; a escolha parece relacionar-se à maior familiaridade ou à sua abrangência (Furuya, Nakamura, Gastaldi & Rossi, 2011).

Assim, optou-se por estudar a sistematização do cuidado de enfermagem na metodologia CIPE[®], em unidade obstétrica, envolvendo o cuidado a gestantes, no período pré, trans e pós-parto. O aporte teórico e prático de uma das autoras na área, pela sua formação e prática em Enfermagem Obstétrica, tem permitido identificar a necessidade emergente de avanços técnico-científicos desta abordagem para que se possa contribuir na formação de profissionais críticos e capazes de transformar realidades. Além disso, a decisão em estudar

esta metodologia emergiu da necessidade de mostrar a CIPE® como uma alternativa para a SAE.

Existe uma ampla gama de situações clínicas que são vivenciadas pela enfermeira no seu cotidiano na saúde materna, envolvendo possíveis diagnósticos, resultados e intervenções desde o período pré concepcional passando pelo período pré-natal, trabalho de parto, parto e no puerpério, e aponta-se a CIPE® como uma tecnologia que facilita a coleta, o armazenamento e a análise dos dados, contribuindo para a prática de Enfermagem (Garcia, 2015). A SAE, nesta área do conhecimento, permite que enfermeiro obstetra se concentre no cuidado compatível com as necessidades da parturiente e promova uma assistência individualizada e qualificada (Santos & Ramos, 2012).

Diante deste panorama, parte-se das seguintes questões de pesquisa: A SAE é aplicada nas práticas de ensino em obstetrícia? Qual taxonomia é usada no ensino? Que dificuldades são encontradas pelos docentes e discentes na aplicação da SAE? Isto posto, o objetivo geral deste estudo foi investigar como se processa a Sistematização da Assistência em Enfermagem nas práticas de cuidado à parturientes e puérperas durante a internação hospitalar e criar um *website* acerca do tema, utilizando-se a metodologia CIPE®.

2. Metodologia

Trata-se de um recorte de dissertação de mestrado de um programa de Mestrado Profissional em Ensino Científico e Tecnológico. Para que os objetivos propostos neste estudo fossem atingidos, seguiu-se um caminho metodológico em duas etapas: Na primeira etapa, foi verificado junto aos acadêmicos e docentes, suas vivências com a SAE durante as aulas teóricas e práticas no campo da Enfermagem obstétrica, assim como suas percepções frente à complexidade metodológica, identificando taxonomias utilizadas. Na segunda etapa, foi proposto um objeto de aprendizagem para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem da referida área, e, na sequência, apresentou-se a ferramenta junto aos participantes.

Para a realização deste estudo, optou-se pela pesquisa descritiva e exploratória de natureza aplicada, visto que envolve a utilização imediata do seu resultado e consequência da sua utilização na prática, a qual relaciona-se com a aplicabilidade do produto tecnológico. A abordagem utilizada neste estudo foi qualitativa (Gil, 2002).

Participaram do estudo acadêmicos e docentes de três cursos de Enfermagem de uma região ao noroeste do Rio Grande do Sul/RS/BR, no componente curricular implicado com a

saúde da mulher na subárea de obstetrícia. Diante do aceite do participante foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Foram critérios de inclusão para os acadêmicos participarem do estudo: ser acadêmico do curso de Enfermagem com matrícula e frequência regular, ter realizado ou estar realizando prática em ensino clínico na área de Enfermagem em saúde da mulher (na subárea de enfermagem obstétrica). Foram critérios de inclusão para os docentes participarem do estudo: ser enfermeiro e trabalhar com a disciplina que envolve o tema da saúde da mulher nos períodos de trabalho de parto, parto e pós-parto imediato, há pelo menos seis meses.

Os dados foram coletados, no primeiro semestre de 2017, por meio de um questionário aplicado a acadêmicos e docentes de uma Universidade Federal, uma Universidade privada e uma Faculdade que oferecem o curso de Enfermagem. As instituições participantes desse estudo, estão representadas pelas letras UF, UP e FA, respectivamente. A escolha por estas instituições obedeceu ao critério da acessibilidade, visto que pertencem a região de prática das pesquisadoras. Os dados foram analisados mediante análise de conteúdo das falas na modalidade temática (Bardin, 2006).

Após contato e assinatura da Declaração de Coparticipante pelas instituições, foi solicitado aos coordenadores dos cursos sua intervenção junto aos docentes de Enfermagem Obstétrica/Saúde da Mulher, a fim de convidá-lo (s) a responder um questionário, que versou sobre suas experiências na sistematização do cuidado em Enfermagem no componente curricular 'saúde da mulher'. Diante da aceitação, foi feito contato com os mesmos, em horário combinado com o coordenador e respectivo docente, explicitada a pesquisa e disponibilizado o instrumento.

Numa segunda etapa, foi verificado junto aos acadêmicos, por meio de um questionário, suas vivências com a SAE durante as aulas teóricas e práticas neste campo, bem como, suas percepções frente à complexidade dessa prática. Esta etapa foi feita após a apresentação de uma das pesquisadoras aos discentes, pelo coordenador, e, mediante aceite do docente em aula, momento em que todos foram convidados a responder o questionário, que depois de respondidos foram depositados em uma urna.

Diante dos resultados, foi proposto um objeto de aprendizagem, para auxiliar na aprendizagem sobre a SAE em Enfermagem Obstétrica. Importante é sublinhar que a validação do produto educacional, o *website*, se deu mediante apresentação à aprovação da banca do Programa de Mestrado a qual a dissertação foi apresentada (conforme regimento do referido Programa de Mestrado). Além disso, para ajustar o produto à expectativa dos participantes, o objeto de aprendizado foi submetido às suas impressões, para ajuste do

produto. O estudo respeitou a os preceitos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos, e foi aprovado pelo comitê de ética da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, sob CAAE n. 59536516.6.0000.5354. Os respondentes foram identificados por números.

3. Resultados e Discussão

Participaram do estudo 75 acadêmicos, de um total de 80, e três docentes, representando o total de responsáveis pela área de enfermagem obstétrica. A idade dos discentes variou de 19 aos 40 anos. Destes, 51 (68%) cursavam o sétimo semestre e 24 (32%), o oitavo. A faixa etária das docentes variou entre 45 a 55 anos e o tempo de formação entre 19 a 28 anos, com tempo de experiência na docência, em média, 17 anos. Entre elas, duas possuem o título de mestra e uma de doutora. Válido é sublinhar não era intenção associar ou comparar dados entre as universidades pesquisadas, mas descrever como se processa a SAE na região estudada.

Vivências dos acadêmicos e professores com a SAE

Quanto ao contato com a SAE, todos os participantes confirmaram ter tido contato nas aulas teóricas. Destes, 40% a vivenciaram nas aulas de Enfermagem no cuidado da mulher e 60% relataram ter tido contato, também, em outras disciplinas tais como em saúde do adulto, saúde da criança e saúde coletiva, com prevalência nos componentes curriculares de saúde de adulto, seguido da saúde da mulher.

Segundo uma revisão da literatura, (Kirchesch, 2016) o componente curricular que envolve a saúde do adulto é o que mais aborda a temática SAE. Um fator facilitador da implantação da SAE envolve o conhecimento acerca da metodologia, que nem sempre é reforçado na graduação. A construção de saberes sobre o tema pode ser fortalecida com a inclusão do ensino da SAE em todas as matrizes curriculares das escolas de Enfermagem com a integração entre semestres distintos, de modo que a abordagem da SAE não se torne pontual, exclusiva em um único semestre (Kirchesch, 2016) e pode ser uma estratégia de aprendizagem significativa.

Dos acadêmicos que tiveram contato com a SAE, 35% afirmaram que não aplicavam o processo nas aulas práticas, fato que pode interferir, tanto na compreensão da metodologia, quanto na percepção da sua importância nas práticas do enfermeiro. Em relação às etapas do

Processo de Enfermagem (PE), pouco menos da metade dos participantes do estudo aplicaram todas as etapas, enquanto os outros participantes apontam que trabalharam o processo de forma fragmentada. Cerca de um terço dos participantes referiram usar somente o histórico de enfermagem, situação que pode ser considerada como fator negativo na formação do profissional.

Observa-se que, nas questões sobre a aplicabilidade da SAE nas aulas práticas, os dados foram contraditórios. Das docentes, duas responderam que não trabalham a metodologia em sala de aula, no entanto todas declaram aplicar o Processo de Enfermagem, assim como todas suas etapas nas aulas práticas. Válido é sublinhar que as docentes que desenvolvem as aulas teóricas são as mesmas que desenvolvem as práticas do componente curricular que envolve a enfermagem na saúde da mulher/obstetrícia.

Assim, esses dados confrontam com os dados dos discentes, os quais afirmam não desenvolver a metodologia na prática em saúde da mulher. Pode-se inferir que o acadêmico desconhece todas as etapas do processo, ou conhece parcialmente, ou ainda, que a sua utilização não foi significativa, não gerando conhecimento adequado à prática. Quando questionadas sobre as dificuldades em trabalhar essa temática, todas as docentes referiram que o desinteresse dos discentes e trabalhadores dos campos de prática e a falta de formação são as principais fragilidades do processo de ensino e aprendizagem. Uma pesquisa apontou que, ao serem questionados sobre os níveis de interesse em relação à aprendizagem da Sistematização, 34,3% dos acadêmicos referiram desinteresse parcial ao tema, diante das dificuldades de aprendizagem; 29,5% relataram associar-se às deficiências de outras disciplinas necessárias a construção do raciocínio clínico (Andrade, Menezes, Jardim, Ribeiro, Chaves & Rolim, 2016).

Quanto à taxonomia, ou classificação utilizada na academia, a North American Nursing Diagnosis Association (NANDA[®]) foi apontada pelos acadêmicos como a mais utilizada (97%), seguida de 80% para a Classificação de Intervenções de Enfermagem (NIC[®]), de 77% à *Nursing Outcomes Classification* (NOC[®]) e de 17% para a Classificação Internacional da Prática de Enfermagem (CIPE[®]), confrontando com os dados das docentes que referiram a utilização, no ensino da saúde da mulher/obstétrica, as classificações NANDA[®], NIC[®] e NOC[®], demonstrando lacunas no conhecimento dos acadêmicos, quanto à sistematização do cuidado, que pode ser justificado em virtude do tema não ser explorado ao longo dos componentes curriculares.

De acordo com os resultados de uma revisão integrativa entre o período de 2000 a 2010, com objetivo de analisar a produção científica em torno das classificações de

Enfermagem, semelhante ao estudo em tela, houve prevalência no uso das etapas do diagnóstico de Enfermagem e, a taxonomia mais utilizada foi a NANDA. O autor acredita que esse resultado seja em decorrência deste ter sido o primeiro sistema de classificação traduzido para a língua portuguesa; em consequência, tem maior divulgação no Brasil (Silva, Santos & Rocha, 2014).

Uma das participantes docentes afirma que a escolha da classificação a ser trabalhada é recomendada pela instituição de ensino. Duas docentes não usam NIC[®] e NOC[®]. A CIPE[®] não foi referenciada por nenhuma das docentes. Consequentemente, esse fato contribuiu para fortalecer a intenção dos pesquisadores em divulgar a utilização da classificação CIPE[®] (Nery, Santos & Sampaio, 2013).

Isto posto, identificaram-se fragilidades no que se refere à aplicação das etapas do processo, pois quando é afirmado por alguns docentes que trabalham todas as etapas do processo não estão considerando que, para se trabalhar todas as etapas do processo, é vital que se utilize da NANDA[®], NIC[®] e NOC[®]: a classificação da NANDA[®] trata do diagnóstico de Enfermagem, enquanto a NIC, as intervenções e a NOC[®], o resultado esperado. Quando utilizado somente a classificação NANDA[®] são trabalhadas as fases do processo que envolvem a investigação por meio do levantamento de dados, utilizando anamnese e exame físico, e o diagnóstico, podendo-se inferir que o processo de enfermagem na academia é trabalhado de forma fragmentada.

Outro estudo de revisão integrativa com objetivo de conhecer quais os sistemas de classificação e como têm sido utilizados pela enfermagem na assistência à saúde contemplou 38 artigos escritos no Brasil, Estados Unidos, Coreia, Noruega, Islândia, Finlândia, Suíça, Bélgica, Canadá, Paquistão, Tailândia e Taiwan. Destes, 19 artigos relataram o uso da NANDA[®], NIC[®] e NOC[®] em conjunto ou separadamente, e, outros sistemas de classificação utilizados foram a CIPE[®] e a Classificação Internacional das Práticas em Saúde Coletiva (CIPESC[®]). Na categoria de análise da avaliação, percepção e sentimentos dos enfermeiros em relação à implementação dos sistemas de classificação, alguns explicitaram sentimentos de medo e insegurança, embora citaram a mudança do sentimento de resistência para o desafio da superação. Quanto à utilização da CIPE[®], citaram como positivo a linguagem fácil e próxima a realidade (Furuya, Nakamura, Gastaldi & Rossi, 2011).

Sobre as dificuldades encontradas pelos acadêmicos para a sua aprendizagem nas aulas teóricas, a maioria (65%) respondeu que não sentiu muitas dificuldades, porém é válido refletir sobre as falas dos que tiveram dificuldades na aprendizagem da temática, referindo-se ao pouco contato com as metodologias.

Deveria ter maior explicação sobre o funcionamento [...] (9)

A dificuldade faz-se pela não frequência da SAE, formando por momentos de dificuldade de lembrar as etapas (17)

Senti dificuldade sim, como procurar e fazer as ligações (6)

[Maior dificuldade]. Determinação dos diagnósticos prioritários(2)

[Maior dificuldade]. Principalmente com o NIC e o NOC (3)

[Maior dificuldade]. Associar o conteúdo teórico com a realidade prática (11)

Quanto às dificuldades na aplicação da SAE nas aulas práticas, a maioria referiu que não sentiu dificuldade, porém os que sentiram, se a associaram à falta de utilização na prática.

Falta prática (2)

Pela equipe, pois não era comum essa metodologia nos serviços de saúde (13)

Falta mais oportunidade de implementação (22)

Um possível elemento que dificulta no processo de ensino aprendizagem dessa metodologia a própria falta de experiência na aplicabilidade da SAE pelo docente, já que esse não a vivenciou durante sua formação. E outros elementos que dificultam são a falta da aplicabilidade desta no campo prático, a complexidade da metodologia e a carga horária insuficiente. O número grande de estudantes que o docente precisa atender no campo de prática, foi citado como um dificultador, visto que diminui o tempo para discussões e orientações (Kirchesch, 2016).

Diante destes dados pode-se considerar que outras dificuldades podem estar sendo negligenciadas neste contexto, tais como a educação permanente em saúde aos enfermeiros assistenciais e aos docentes sobre a sistematização da assistência da enfermagem, situação que poderia ser uma alternativa para, a médio prazo, reverter esse quadro. “A educação deve ser pensada como um exercício coletivo de valorização das vivências e da criatividade individual, buscando novos instrumentos para o trabalho. Desse modo, a educação é a (re) invenção e a (re) construção do conhecimento de forma personalizada”. A relevância, a avaliação e a necessidade de Educação Permanente em Saúde, embora carentes em alguns cenários já é uma evidência (Azevedo, Silva, Vale, Santos, Cassiano & Moraes, 2015, p. 132), sendo assim é necessário reconhecer essa necessidade para (re) aprender a prática.

Neste movimento, as Tecnologias de Informação e Comunicação podem ser aliadas a educação, tanto a acadêmicos, quanto a profissionais da assistência e a docentes, visto que a inserção destas tecnologias nos processos de educação permanente em saúde facilita o acesso e o protagonismo de quem participa. Essas práticas devem ser desenvolvidas de forma variada para alcançarem diferentes públicos e conseqüentemente seus objetivos. Considerando a incorporação das tecnologias no cotidiano das pessoas, podem elas atuarem como mediadoras destes processos (Farias, Rocha, Cavalcante, Diniz, Neto & Vasconcelos, 2018). Neste estudo optou-se pela elaboração de um *website* como facilitador do ensino e da aprendizagem.

O produto educacional: um *website* como ferramenta pedagógica para o ensino em saúde da mulher nos períodos do pré parto, parto e pós-parto

Entre as propostas da dissertação e exigido pelo referido Programa de Mestrado, estava a elaboração de um *website* com conteúdo relativo à área de Enfermagem na saúde da mulher no período do parto e pós-parto imediato, incluindo casos clínicos que fomentam a reflexão crítica para a elaboração de diagnósticos de enfermagem e intervenções. Assim, foi criado um *website*, que versa sobre SAE, utilizando a metodologia CIPE[®]. Ao verificar qual sistema de classificação de sistematização do cuidado era utilizada nos cursos de graduação em Enfermagem, foi possível constatar que o contato desses acadêmicos com a CIPE[®] é muito incipiente.

A construção do *website*, interativo e educacional, aconteceu em duas etapas: Na primeira, foram construídas as páginas; nesse momento foi necessário o auxílio de um profissional da área da informática. Inicialmente, foi pensada em uma página de apresentação que descrevesse o assunto que estava sendo abordado. Assim, na primeira página há uma descrição do que é SAE, seguido de outros ícones, com breve exposição dos assuntos que serão abordados no decorrer do referido objeto de aprendizagem.

Para acessar o *website* pode-se inserir no navegador do computador, tablets e/ou *smartphones* o link www.cipeonline.com.br/site. Foi desenvolvido com a tecnologia atual, sendo que a sua estrutura/layout se adapta automaticamente a qualquer dispositivo pelo qual ele é acessado como computadores, *notebooks*, *tablets* ou *smartphones*. Foi elaborado usando a linguagem de programação HTML 5, CSS. (Garcia, 2015) e utilizando o banco de dados MYSQL. Também é utilizado no *website* o CMS (content management system) *Wordpress* na sua versão 4.7, no intuito de socializar informações acerca da elaboração de afirmativas

diagnósticas de enfermagem, e, contribuir para o ensino e para a educação em saúde. Está hospedado num servidor que utiliza o sistema operacional Linux na versão CENTOS 5.11. O *website* contém páginas fixas, com *posts* atualizados com as principais informações sobre o tema.

Figura 1 - Página inicial do website, RS,



Fonte: Os autores.

Na segunda etapa, após a finalização do *website*, o mesmo foi disponibilizado a docentes e discentes de Enfermagem, participantes da pesquisa, para que avaliassem e descrevessem suas impressões por meio de um questionário, possibilitando atualizar o referido produto conforme sugestões dos participantes do estudo, que após navegarem no *website*, informam sobre suas impressões, apontando sugestões para melhoria, as quais foram prontamente atendidas. É válido sublinhar que o referido *website* foi validado pela banca de qualificação e defesa da dissertação, conforme regimento do Programa de Mestrado, o qual foi submetido.

4. Considerações Finais

A Sistematização da Assistência de Enfermagem é um conteúdo que desacomoda alguns profissionais e, muitas vezes, não lhe é dada a devida importância, até mesmo pela academia. Muitos discentes pesquisados afirmaram não ter aplicado a SAE nas suas práticas e dos que o aplicaram, nem todos tiveram a experiência junto às puérperas e parturientes. Quanto à identificação de facilidades e dificuldades na aplicação da SAE, os discentes apontaram poucas dificuldades, mas as relacionaram com o pouco contato com a

metodologia. O sistema NANDA[®], NIC[®] e NOC[®] é o mais usado entre os participantes do estudo. Observa-se que o papel de desenvolver o ensino do futuro profissional acerca da implementação da SAE não é exclusivo da academia. A colaboração das instituições proponentes de campo de práticas clínicas agrega valor à prática.

A limitação do estudo refere-se ao número de docentes do estudo, visto que fragiliza a análise, porém como a abordagem é qualitativa não fere a dimensão metodológica. Sugere-se a realização de outros estudos acerca da aprendizagem da SAE, nas diferentes taxonomias e maior divulgação da aplicabilidade da CIPE[®] em diferentes áreas do cuidado.

Referências

Andrade, Y. N. L., et al. (2016). Conhecimento de acadêmicos de enfermagem sobre o ensino aprendizagem da Sistematização da Assistência de Enfermagem. *Rev Rene*; 17(5):602-9. DOI: 10.15253/2175-6783.2016000500004

Azevedo, C. A., et al. (2015). Educação Continuada em Enfermagem no Âmbito da Educação Permanente em Saúde: Revisão Integrativa de Literatura. *Revista Saúde e Pesquisa*; 8(1): 131-140.

Bardin, L. (2006). *Análise de conteúdo* (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70.

Benedet, S. A., et al. (2016). Nursing process: systematization of the nursing care instrument in the perception of nurses. *Care online*; 8(3):4780-88. DOI: 10.9789/21755361.2016.v8i2.4780-4788

Brasil (2009). Conselho Federal de Enfermagem. Resolução nº 358. Dispõe sobre a Sistematização do Processo de Enfermagem e a implementação do processo.

Chaves, L. D., & Solai, C. A. (2013). *Sistematização da assistência de enfermagem: considerações teóricas e aplicabilidade*. (2a ed.), São Paulo: Martinari.

Farias, Q. L. T. et al. (2018). Implicações das tecnologias de informação e comunicação no processo de educação permanente em saúde. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*. 11(4). Recuperado de <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/24033>

Furuya, R. K., et al. (2011). Sistemas de classificação de enfermagem e sua aplicação na assistência: revisão integrativa de literatura. *Rev. Gaúcha Enferm.*; 32(1), 167-175.

Garcia, T. R. (2015). *Classificação Internacional para a Prática de Enfermagem CIPE: Aplicação à realidade brasileira*. Porto Alegre: Artmed.

Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.

Gomes, R. M., et al. (2018). Sistematização da assistência de enfermagem: revisitando a literatura brasileira. *Id on Line Rev. Mult. Psic.* 12(40). Recuperado de <http://idonline.emnuvens.com.br/id>

Kirchesch, C. L. (2016). A sistematização da assistência de enfermagem nas instituições de ensino superior brasileiras. *Rev. Saúde.Com.*;12(4): 727- 36.

Nery, I. S., Santos, A. G. & Sampaio, M. R. F. B. (2013). Dificuldades para a implantação sistematização da assistência de enfermagem em maternidades. *Enfermagem em Foco*. 2013; 4(1), 11-14.

Peixoto, T. A. S. M., & Peixoto, N. M. S. M. (2017). Pensamento crítico dos estudantes de enfermagem em ensino clínico: uma revisão integrativa. *Rev. Enf. Ref.*; IV (13): 125-138. Doi: <http://dx.doi.org/10.12707/RIV16029>

Ribeiro, O. M. P. L., et al. (2018). Aplicação do processo de enfermagem em hospitais portugueses. *Rev. Gaúcha Enferm.*; 39 (e-2017-0174) Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2018.2017-o174>

Santos, R. B., & Ramos, K. S. (2012). Sistematização da assistência de enfermagem em Centro Obstétrico. *Rev. bras. Enferm.*; 65(1),13-8.

Silva, E. M., Santos, A. A., & Rocha, M. C. P. (2014). Classificações de enfermagem: análise da produção científica. *Rev. Ciênc. Méd.*; 23(3), 153-61.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Elisangela Siomara Rodrigues – 50%

Rosane Teresinha Fontana – 25%

Jussara Mendes Lipinski – 25%